



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

TAMIRIS PEREIRA DA SILVA

O SAGRADO E O DEMONÍACO NA JUREMA: UMA LEITURA FILOSÓFICA.

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

TAMIRIS PEREIRA DA SILVA

O SAGRADO E O DEMONÍACO NA JUREMA: UMA LEITURA FILOSÓFICA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Filosofia
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira.

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Tamiris Pereira da.
O sagrado e o demoníaco na Jurema [manuscrito] : uma leitura filosófica / Tamiris Pereira da Silva. - 2022.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Prof. Dr. Valmir Pereira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Jurema sagrada. 2. Colonização. 3. Catimbó. 4. Filosofia. I. Título

21. ed. CDD 100

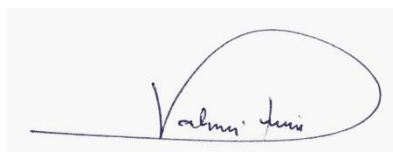
TAMIRIS PEREIRA DA SILVA

O SAGRADO E O DEMONÍACO NA JUREMA: UMA LEITURA FILOSÓFICA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Aprovada em: 28/07/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luciano da Silva
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Profa. Dra. Gilmara Coutinho Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A toda minha família, e professores que
fizeram parte de minha vida até aqui,
DEDICO.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	05
2	VOZES DA JUREMA.....	08
2.1	O caminho da jurema e do Juremeiro.....	09
2.2	Caminhos do catimbó.....	15
2.3	Vida e natureza dos senhores Mestres	17
2.4	De sagrada a Demoníaca.....	18
2.5	A imersão da filosofia em conjuntura com a jurema sagrada.....	20
3	METODOLOGIA	20
4	CONCLUSÃO	21
	REFERÊNCIAS	21

O SAGRADO E O DEMONÍACO NA JUREMA: UMA LEITURA FILOSÓFICA
THE SACRED AND THE DEMONIC IN JUREMA: A PHILOSOPHICAL READING

Tamiris Pereira da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as primeiras andanças da jurema sagrada bem como ver seus avanços com o tempo, e a participação de outras culturas para fortalecer suas transformações para os dias atuais, de como os povos indígenas foram importantes para esta trajetória e por quais razões de nossos preconceitos com algo naturalmente produzido em nosso país. Trazer elementos essenciais para esse culto, assim como esses silogismos são importantes para chegar a outro plano. Sendo a jurema sagrada, fruto natural de nosso país, surge à necessidade de responder questões sobre esse mesmo sagrado e de como a colonização não só cultural, mas mental é obra prima para que tenhamos tanto que restringir culturas que são fora do padrão ortodoxo. Abordaremos assim nesta mesma perspectiva a imersão da filosofia como meio de somar para uma expansão de conhecimento nesta área que é pouco informada, bem como muito pouco aceita por muitos estudiosos, uma vez que a validação só ocorre para conteúdos do campo da filosofia ocidental e grega.

Palavras-chave: Jurema Sagrada. Colonização. Catimbó. Filosofia.

ABSTRACT

The present work aims to present the first wanderings of the sacred jurema as well as to see its advances over time, and the participation of other cultures to strengthen its transformations for the present day, of how the native peoples were important for this path and the reasons why. of our prejudices with something naturally produced in our country, bringing essential elements to this cult as well as these syllogisms are important to reach another plane. Since the sacred jurema, natural fruit of our country, the need arises to answer questions about this same sacred and how not only cultural, but mental colonization is a masterpiece so that we have so much to restrict with cultures that are outside the orthodox standard, we will address Thus, in this same perspective, the immersion of philosophy as a means of adding to an expansion of knowledge in the area that is very little informed, as well as very poorly accepted by many scholars, since validation only occurs in the field of Western and Greek philosophy.

Keywords: Sacred Jurema. Colonization. Catimbó. Philosophy.

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: tamiris2018pereira@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A Religião estritamente de matriz indígena tendo sua pajelança dos povos Tupi, vem sendo adjunta com outras culturas sofrendo alterações precisamente com ritos e doutrinas de matriz africana e europeias, dos quais neste misto se dá a abertura aos sincretismos brasileiros. O culto á jurema sagrada é no presente contexto um culto á ancestralidade, do qual seu início é por prioridade iniciada logicamente com os povos originários, que cultuavam a árvore sagrada, a jurema (*Mimosa hostilis*), conhecida popularmente como jurema preta ou jurema braba em algumas regiões. Trata-se de uma vegetação natural da região nordeste do Brasil, onde ela é notada como uma acácia, que por seu desdobrar veio a ser cultuada como portal, bem como transportada pelos povos originários, e que sua maior relevância habitacional se instaura sobre Pernambuco, Paraíba, e Rio Grande do Norte, onde seus maiores representantes são os povos das tribos Tupinambás e Tabajaras.

Pode-se expor que o culto á jurema sagrada é um culto de natureza nordestina que tem por centro de tradição a cidade de Alhandra na Paraíba. Fica evidente que somos uma nação que conhece e se interessa muito pouco sobre nossa própria cultura e tradição dos primeiros povos de nossa terra. Este fato se dá em relação á cultura da jurema sagrada, pois conhecemos muito pouco sobre tal culto e ainda menos sobre os povos indígenas, e sem eles é quase impossível conhecermos sobre a tradição e os sincretismos primários da jurema sagrada, como sendo a reafirmação, a identidade étnica dos antigos e atuais índios. Também conhecemos muito pouco sobre as suas tradições religiosas, principalmente quando se fala sobre o período colonial as coisas ficam ainda mais complicadas, e o misto de preconceito com ignorância se evidencia.

Diante de grandes repercussões tentaremos aqui, traçar os meios de responder à problemática: Por que demonizamos o sagrado do outro, em nome de um único sagrado? Trazendo pontos curiosos e que soma para a resolução desse problema junto com a filosofia, mais adiante, todo nosso trabalho foi formulado a partir de dados literários, buscando nos apoiar em estudos realizados dentro do tema, visando que existem muitos estudiosos que são simpaticantes, autores na área, além de adeptos ao culto. Assim, tomaremos como base também nossas experiências vivenciadas a partir de idas ás terras sagradas, falas, e experiências de grandes juremeiros e mestres.

2 VOZES DA JUREMA

Neste definido espaços nos apoiarão em autores que fundamentam suas perspectivas a favor da jurema sagrada, para iniciarmos a discussão apoiando esta pesquisa em estudiosos que abordam o tema e sobre grandes falas de juremeiros. Para isto, nos apoiamos em René Vandezante, falecido em 2017, Sociólogo e estudioso da ancestralidade, e mediunidade por assim dizer. Seus estudos e falas são de maneira rica, para que todo esse trabalho venha ganhar corpo. Outro autor importante para esse trabalho é Luiz Carvalho de Assunção, Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, que traz seu apoio para que haja a expansão não só da religião, mas de todo um povo, que é visto como minoria, abordando noções interessantes sobre o tema, visando realmente o cunho de base ancestra

Por meio do pensamento daquele autor, percebemos que pouco se tem produzido no tema em questão, mas sempre vemos, quando falamos em religiões afro-indígenas ou sobre o povo cigano, estes nomes aparecem com mais frequência.

No que se refere à questão que envolve as religiões afro-indígenas, vale destacar que existe uma resistência, e esta perspectiva tem ganhado força e corpo durante os últimos séculos, e pouco se vê falando positivamente sobre qualquer meio de crença originária, e muito desse saber se tem perdido diante disto todos os anos.

Para visualizarmos melhor este espaço, consideramos que a diminuição das religiões de matriz africana e indígena é vista por uma grande parte da população que é preconceituosa e evidencia em seus textos que parte disto vem desde o processo de colonização, com a invasão portuguesa em 1500, toda uma tradição vem sendo engolida, perseguida e destruída. Assim, acredito que muito se tem para caminhar com estes autores e muitos que relatam o mesmo problema, visando assim que a religião com o tempo caminha e evidencia novos desafios.

Parte dos autores e estudiosos dessa área evidencia que há grandes barreiras a serem superadas, e o ponto crítico da discussão é que todo caminho da jurema é passado e transmitido de modo oral para manter a tradição. E é exatamente isso que nos causa grandes *déficits* para compreender mais essas trajetórias tão espinhosas, o que também é notado pela maioria que busca expandir esse conhecimento. Mesmo assim, podemos evidenciar o fato de que é uma crítica social instalada de maneira tão forte produzindo uma visão negativa, presente em seus textos, pois tais religiões atualmente são vistas como forma de um anticristo sobre a terra, com uma visão demoníaca e criminosa.

Diante desse percurso aqui, tentaremos abordar, a princípio, como é possível dar conta de uma filosofia que para muitos ainda está apenas no campo do imaginário. O fato é que durante a pesquisa pouco foi encontrado diante da natureza da filosofia para com uma religião ancestral ameríndia, embora saibamos que existe uma vasta produção nesta área. O tempo foi curto e encontramos produções em antropologia, sociologia e sua expansão está situada também no componente de História e ciências da religião. É sobre este fato que a preocupação se torna presente, como um ato de amor ao saber exclui de certo modo outros pensamentos e até estudiosos da área, uma vez que esta discussão permeia não só o aqui e agora, mas por muito tempo, com a imersão de uma filosofia africana, de um pensamento preto por assim dizer, em que Ramose, no estudo sobre a *legitimidade da filosofia* aborda este pensamento e cria esta crítica que deve ser pensada com mais zelo.

2.1 O caminho da jurema e do Juremeiro

A jurema sagrada é a força e uma cultura ancestral indígena, marcada pela tradição nordestina, onde se possui grandes nomes para este rito, também conhecida por um termo bastante pejorativo sobre toda região do nordeste e adjacentes. Sua base concerne a sessões e utilizações de fumo, musicalidades traçadas por tambores com sua superioridade de couro, além do uso de ervas e muita fumaça. Entretanto, a jurema não é só isso, ou uma simples acácia como muitos acham. A seguir, traremos algumas contribuições de diferentes autores que narram desde seu lugar geográfico, seus usos e costumes, bem como as diferentes denominações recebidas, nos seus lugares distintos onde se desenvolveu. Assim, vemos a seguir algumas denominações da Jurema.

[...] vasto é seu significado, que pode ser uma árvore da família das leguminosas – mimosácea, tendo em localidades diferentes variadas denominações como angico-branco, jurema, juremari, jerema, jeremari, jeroma, jacaré vinhático-de-espinho, tataré, tatané (Argentina), jerumaré, jerumari, curumaré (*Pitecolobiumtortum*), entre outros (L'ODÓ, sd, p. 1087).

E o autor prossegue com as denominações e sua geografia, bem como seus vínculos com outras plantas típicas da região.

Mimosaceae, cujos nomes populares podem ser encontrados em diversas áreas do sertão brasileiro, é uma árvore que floresce no agreste e no sertão nordestino, encontrando-se muito facilmente nas caatingas, onde expande-se muito, dominando quase toda vegetação nas regiões em que se encontra (L'ODÓ, sd, p. 1089).

Também se situa em uma bebida própria do culto que nos antigos povos originários era produzida por grandes índios feiticeiros:

A Jurema faz parte de uma família de plantas sagradas em todo mundo. O culto, como o dos egípcios e hebreus, era à acácia nilótica; os hindus, à acácia suma; os árabes, à acácia arábica; os incas, à acácia cebil; os nativos do Orinoco, à acácia niopo (SANTOS, 2007).

E, os povos brasileiros, em especial os afrodescendentes dos terreiros de candomblé Jeje-nagô cultuam e mantêm práticas litúrgicas com a acácia amarela, tida como árvore, folha, frutos e flor de Oxum e Oxumarê, usadas em banhos rituais e em cerimônias de sacrifício animal, e ainda dedicam as folhas da Jurema Preta Acácia farnesiana aos orixás Oxóssi e Ossae, em alguns rituais específicos do candomblé Ketu da Bahia (L'ODÓ, sd, 1089).

Sandro Guimarães traz uma abordagem em questão, apontando o tempo histórico e a produção textual, bem como os envolvidos nesse processo.

Há diversos documentos, principalmente a partir do século XVIII, que registram a utilização dessa bebida pelos índios nordestinos no período colonial. Esses documentos aparecem sempre em um contexto de repressão ao seu consumo e assinalam que a bebida era usada em eventos religiosos. A popularidade do seu uso, portanto, é evidenciada em diversos documentos, como o que institui o Diretório dos Índios de Pernambuco, criado pelo Marquês de Pombal, que, como vimos, faz referência direta à jurema, proibindo inteiramente o seu uso (SALLES, 2010, p. 138).

Na sequência, o autor atualiza e contextualiza o cenário paraibano, trazendo elementos importantes que indicam que a cultura da jurema sagrada foi incorporada por outras culturas e cultos de origem africana no Brasil.

Hoje, a jurema (bebida) está presente em diferentes contextos, sendo, do mesmo modo, bastante variada a forma de prepará-la. No caso do catimbó de Alhandra, bem como nos atuais cultos umbandizados daquela região, seu significado é eminentemente simbólico. No primeiro, pelo fato de a quantidade de jurema ingerida durante as sessões ser muito pequena. No segundo, pela quase ausência da bebida (SALLES, 2010, p. 140)

Mesmo no contexto do Catimbó, o vinho da jurema era consumido em quantidades muito pequenas, geralmente em um cálice, denominado príncipe. Dorinha, neta de Maria do Acais, me afirmou que o vinho da jurema

durava aproximadamente dois anos, uma vez que se tornava uma quantidade muito pequena de bebida ou, em suas palavras (juntando o polegar com o indicador), “uma coisinha assim de jurema” (SALLES, 2010, p. 140).

Além dessas perspectivas apresentadas, a jurema também é expressão da religiosidade. Assim,

Os juremeiros e juremeiras, hoje, afirma que a Jurema é religião primaz do Brasil e que é de “matriz indígena”, a religião mais forte historicamente, por sua força de sobrevivência aos processos de atrofiamento teológico, cultural e histórico. Ainda acreditam ser possível um resgate do imaginário mais antigo das práticas indígenas para fortalecer as práticas hoje umbandizadas (L'ODÓ, sd, p. 1094).

Pelas citações acima elencadas, percebe-se que desde os primórdios a jurema sagrada vem ganhando fama, negativamente falando, e sendo apedrejada gradativamente por grande parte da sociedade que a tem como demoníaca. Nesse sentido, pensamos aqui na existência de uma prática de perseguições perante tais religiões afro-indígenas, cujas causas podemos afirmar que é de uma marcante dominação social, que possui sua marca de partida desde a colonização brasileira. Assim, uma das formas de controle foi a catequização desenfreada e recorrente aos povos originários a fim de excluir suas crenças e quantificar as igrejas. Foi o que aconteceu também com a imersão do protestantismo, retirando assim não só os povos originários, mas ciganos e africanos de seus berços, dando-lhes castigos e açoite, até chegando a matar grande parte destes povos em nome do Deus cristão e eurocêntrico.

Sempre em diálogo com os textos e simpatizantes da religião, ouvi falar sobre a aprendizagem que nunca terá rompimento, diante de toda profundidade que é a jurema sagrada, e todo seu fundamento. Interessante ressaltar que ela será sempre passada de maneira oral, para todos aqueles que querem segui-la, pois, para tudo, dentro da jurema tem um tempo. Nesse preciso sentido, Alexandre Lomil'Odó também nos favorece para uma explicação diante da jurema, afirmando que:

A Jurema Sagrada é considerada pelos juremeiros e juremeiras como a ‘religião primaz do Brasil’. Isso se justifica pela presença dos índios e suas práticas religiosas e culturais, antes da chegada dos colonizadores em terras do que hoje chamamos de Brasil. Essa prática foi uma das mais perseguidas entre as religiões tradicionais de terreiro, pois já no século XVIII, foi registrado no Processo 484 – 1741, julho, I, Recife (36 documentos) do Arquivo Histórico Ultramarino – Conselho Ultramarino, a perseguição ao uso da Jurema pelos índios. (L'ODÓ, sd, p. 1085).

Podemos citar aqui uma discriminação que se manifesta de modo religioso, mas, não podemos esquecer também que toda essa discriminação se alimenta do fruto do racismo. Na época eram negros, escravos que buscavam meios de expressarem sua existência e seu sagrado. Ser negro era evidência de uma desvalorização, da banalidade. Podemos destacar aqui um negro de grande referência dentro da jurema, que é Malunguinho, chamado de rei, tanto nas cantigas de jurema, quanto na sua vivência. Malunguinho era imagem de força e resistência, e liderança do povo de quilombo, Marcus J.M de Carvalho afirma que:

Logo para começar, o quilombo de Malunguinho – o espaço insurrecional mais importante da província – não estava isolado na cidade. Muito pelo contrário, Pernambuco no século XIX, era uma província muito diferente daquela da época do quilombo dos Palmares. Não havia como evitar contato com o Recife. Em que pese a sua essência africana, o quilombo da floresta do Catucá não era uma tentativa de reprodução de alguma sociedade africana, mas um fenômeno americano, híbrido, uma linha de combate contra o *status quo*, que envolvia gente de diferentes procedências étnicas e histórias de vida. Palmares foi uma tentativa de formação de uma sociedade alternativa. O Catucá tentava isso como ideal, mas a sua posição precária impelia seus habitantes a viverem de roubos, caça, agricultura de subsistência, além da prática de algum comércio e contrabando. Grande parte de suas vítimas eram as boiadas e mascates em geral que levavam coisas do interior para a cidade e vice-versa. Ao contrário dos palmarinos, a situação dos quilombolas do século XIX não permitia isolamento. O pressuposto para sua existência era a cooperação de pessoas de fora do quilombo (CARVALHO, 2010, p. 180).

Sua grandeza também é expressa e reconhecida dentro da jurema:

Em Pernambuco, Malunguinho congregou em si próprio” as duas dimensões do imaginário: o tempo histórico da vida material (que foi continuado no tempo religioso mítico cosmogônico da divindade) e sua prática religiosa/sagrada e tradicional dentro dos terreiros, afinal, ele (ou eles) é o único líder quilombola da história do Brasil que virou divindade para os povos tradicionais, “baixando” nos templos de fé afro-indígena (L’ODÓ, 2016, p. 22).

É desse modo que podemos perceber que tudo coopera para que cada ato ou manifestação possa ser reconhecido de modo criminoso e ilegal, cooperando para uma derrocada mais adiante que ronda todo um século. Antes os juremeiros eram pessoas com baixíssima escolaridade, sem trabalhos fixos ou que pudessem trazer alguma solidez no sentido de conforto, e por sua vez necessitavam da caridade de quem pudesse ajudar. Esses eram os motivos a mais de se doar para o culto á jurema, pois eles poderiam também ser ajudados a partir dali por seus sagrados ou de alguma forma por seus esforços de estarem se doando a uma situação, e for reconhecido de maneira que o que precisassem tivessem sua notoriedade.

Atualmente os juremeiros não utilizam do culto à jurema para arrecadar fundos para questões pessoais ou pelo menos não era para tal, pois se existem mais oportunidades de empregos e com a crescente massa de pessoas, as possibilidades de melhorias na vida urbana só tendem a crescer, e assim, os juremeiros não necessitam do culto para se manterem financeiramente, embora existam exceções.

Seguidos de instrumentos sagrados fundamentais, a jurema segue sua musicalidade em forma de chamar os guias espirituais para a matéria a fim de trazer a sua ciência ao plano terreno, além de serem músicas que contam a vida dos guias espirituais em que cada um possui sua ciência, tanto no cântico quanto a cada forma que se manifesta na matéria. Assim, cada energia que será cultuada dentro do espaço do terreiro, irá se manifestar de maneira própria sua forma de ser, trazendo consigo maneiras de como ela eram corporificadas quando pisou neste solo pela primeira vez.

Existem diversas formas de ser iniciado na jurema. Para isto dependerá da região a qual está atrelada ou da doutrinação da casa onde reside aquele discípulo, ou seja, depende exclusivamente da raiz da qual o juremeiro é vinculado, por dizer que o culto á jurema sagrada, não existe regras ou normas, ou até mesmo um padrão tido como estreitamente correto. Não existe um manual a ser seguido, pois há diversas

formas de um juremeiro ser iniciado. Nos primórdios era certo afirmar que seria necessário se abster do mundo terreno para sua atenção e seu subconsciente estarem ligados apenas ao mundo espiritual, inicialmente chamado de tombamento, e os primeiros atos se resumiam onde iniciado era tombado com inúmeras bebidas alcoólicas com um teor alcoólico altíssimo, ingerindo essa mistura, á qual eram bebidas exclusivamente produzidas em engenhos e chamadas “canas de cabeça”, tendo como carro chefe a bebida da raiz da jurema.

Notamos que, de certo modo, necessitava-se de um desprendimento ou até um desapego com o controle psicológico, no sentido de uma grande dosagem alcoólica em seu corpo, o iniciado entrava em uma espécie de coma alcoólico, uma espécie de transe, onde o juremeiro via seu corpo material apartar-se do corpo espiritual. A partir daí o seu espírito iria buscar um guia, visto que cada discípulo tem uma energia própria, um guia exato para caminhar com aquele médium, onde ele iria percorrer os reinos encantados e cidades da jurema.

Tal fase até era comparada a rituais de morte e que também há comparações com a liturgia católica, no sentido de que os mais antigos e até o presente contexto não são difíceis de encontrar, pois utilizam muito dos cânticos e orações para encomendar o corpo ao plano espiritual da pessoa que havia falecido. Essa questão ilustra como acontecia o “tombar” de forma mais antiga do iniciado á jurema. Esse coma alcoólico, além de fazer o juremeiro ir ao encontro de uma energia espiritual, fazia com que depois de alguns dias que o juremeiro acordasse e relatasse ao patrono da casa, quais guias ele viu, quais cidades ele percorreu e se por algum motivo o juremeiro não tivesse visto nenhum guia ou não tivesse percorrido nenhuma encantaria, se fazia necessário refazer todo procedimento de iniciação.

A questão é que muitos dos juremeiros, ao passar por esse procedimento de coma alcoólico, não voltavam e realmente morriam nessa ação e desencarnavam mais tarde. Diante desse processo, essa forma foi banida, dando existência de outras formas de iniciação ou tombamento e uma delas é plantar a semente da jurema. E quando eu falo em plantar é literalmente inseminar, fizer uma abertura entre a pele e a carne e levar a semente no corpo do juremeiro, pelo qual simboliza que ele estará levando sempre com ele não só um pedaço da arvore, mas a ancestralidade de um povo. Assim, é necessário evidenciar que tais atos mencionados eram produzidos conforme a tradição percorria, se por um acaso o sacerdote ou a sacerdotisa daquele *ilê* foi iniciado desta maneira, a tradição se perpetuaria de maneira longa entre a comunidade mais antiga ao culto da jurema, bem como hoje tais sacerdotes possuem conhecimentos de demais iniciações onde alguns passaram. Então pode-se iniciar um discípulo de outro modo que de tal maneira ele também já tenha percorrido o mesmo caminho.

Tal prática ainda é adotada, mas não de forma universal por todos os juremeiros, levando em conta que atualmente as coisas têm mudado muito, e estão em constante mutação, assim como a tradição, que vem se adaptando aos novos tempos.

A segunda forma de iniciação é o juremeiro junto ao seu pai de jurema se transportar até a mata e nesse proceder é realizada uma oferta ao saudoso Rei Malunguinho, defensor não só das matas, mas também dos povos indígenas, Rei dos quilombos e líder dos escravos, do qual relatam que toda magia e segredos da jurema apenas Malunguinho sabe. Assim, junto a um pedido de licença, entram na mata e retira um pedaço de tronco, para representar o guia espiritual do juremeiro.

Tal processo é chamado pelo nome de enjuremação, e anteriormente poderia ser realizado nas matas, mas por precauções, atualmente é realizado internamente,

nas chamadas tendas ou, popularmente, terreiros. A partir disto surge uma etapa muito delicada que é a sacralização e não sacrifício, como inúmeras pessoas falam, resultando em maus tratos dos animais, culminando numa morte dolorosa. Ao contrário disso, na sacralização os animais não passam por maus tratos e sua morte é de maneira rápida, pensando assim numa forma de aniquilar as dores e sofrimentos, pois ainda estando vivos em encruzilhadas, tendo seus corpos dilacerados os líderes não estão seguindo de maneira certa o fundamento da religião. Por isso é necessário respeito a tudo e principalmente aos animais, pois deles vem a força, razão pela qual, na sacralização, toda carne dos animais é aproveitada, ou doada para a comunidade que porventura, aceitem o alimento. Até a pele dos animais irá ser utilizada para colocar nos instrumentos utilizados no terreiro, então, nada se perde.

A terceira fase de iniciação é o momento em que o juremeiro passará por um processo diante de taças, que posteriormente serão denominadas de príncipes e princesas, simbolizando as cidades da jurema e assentamentos, chamado de consagração, apresentando o juremeiro ao mundo encantado dos senhores mestres e mestras, bem como aos caboclos da jurema, que são as únicas forças próprias do culto. Como um discípulo vivo, sendo chamado e considerado um mestre ou um caboclo dentro da jurema, ele ganha o aporte de ida e vinda ao mundo espiritual.

Sendo assim, depois de seu falecimento, ele reencarna em algum Médium, como mestre, trazendo consigo toda sua ciência, tanto quando passou pelo plano terreno, quanto sua experiência passando pelas cidades da jurema e seus reinados. O que podemos também citar aqui é a lavagem de cabeça, onde em muitas casas é feito sobre o primeiro momento, diante do discípulo, para que com aquele mundo espiritual, onde submetido como nome de mestre aquele regente de cargo maior na casa, lava os olhos, boca, ouvidos, mãos e pés, daqueles que estão sendo iniciados ao culto da jurema, para que seus sentidos estejam limpos, para caminhar em primeiro momento frente ao contato com esse mundo espiritual.

Considerada como “cidade da jurema”, Alhandra, na Paraíba, é considerada um recinto dos grandes mestres da jurema e uma das maiores referências diante do culto ao catimbó, pois é nessas terras que nasce a grande ciência dos mestres que hoje podemos conhecer, bem como uma cúpula sagrada para os juremeiros. É nessa cidade que surge realmente a grande energia a quem visita e que são adeptos dessas práticas e ritos. É um local de profunda ancestralidade, ciência, força e magia.

Neste lugar são vistos imensos e antigos pés de juremas, apesar de grande parte terem sido derrubadas ilegalmente, criando dificuldades na restituição dessas perdas, devido a imensa degradação em que algumas partes estão quase impossíveis de restaurar até os dias de hoje. E é junto a estes arbustos que anteriormente o catimbó conseguia passar seus recados para todo seu povo. Alhandra é todo um encanto, conforme acentua Salles (p.112) “As cidades da jurema são lugares sagrados e, como tais constituem uma ruptura na homogeneidade do espaço, demarcando, assim, uma geografia sagrada”. Lógico que alguns juremeiros e líderes de terreiro da região tendem a resgatar aquilo que foi arrancado de forma brutal, para que possam resistir e procurar auxílio quando precisarem. As pessoas mais antigas insistem em dizer que sua encantaria dá para ser sentida de longe, pois nela se concentram grandes nomes da jurema sagrada, que até hoje são lembrados por sua ciência e influência durante o culto, mas também podem ser encontrados em túmulos, como do Mestre Flósculo Guimarães (1956-2019), grande referência dentro da jurema sagrada do qual é muito bem respeitado até hoje, durante os ritos do catimbó.

Vale ressaltar que o maior nome da jurema sagrada é dado a uma mulher, a saudosa Maria do Acais, referenciada pelo seu nome Maria Gonçalves de Barros que

faleceu em 1937, pois falar sobre a jurema sem fazer referência a ela, não se é jurema. Maria do Acais é a grande rainha do reino da encantaria, é a referência da força ancestral diante da jurema sagrada. Para os juremeiros, Alhandra é o lugar onde se guarda a maior encantaria da jurema sagrada. Assim, falar sobre ser juremeiro é carregar a semente Plantada em Alhandra, pois é lá que a tradição indígena dá a sua maior evidência e se manifesta de maneira livre, sem inibir a influência africana. É sobre essa base que a tradição afro e indígena se mistura. Nesse sentido, é importante ressaltar que a jurema sagrada e o culto ao candomblé que é oficialmente afro, diferenciando-se sobre o modo de ver as ritualísticas, uma vez que a cultura indígena manifesta seu sagrado de modo que são entidades voltadas à mestria e caboclos que são tidos como príncipes da jurema e a Cultura afro evidencia o culto aos orixás que é envolto sobre questões voltadas a elementos da natureza como folhas, água, ar, que são singelos modos de suas representações. E é a partir do surgimento da colonização portuguesa que o culto do catimbó ganha alguns costumes e influência da cultura cristã. É nesse contexto que surgem rezas normalmente entoadas sobre as igrejas católicas, que passam a ser cantadas dentro dos terreiros, bem como suas imagens passam a ocupar esse mesmo espaço.

2.2 Caminhos do catimbó

Foi em Alhandra que o tão falado catimbó surgiu como a maior manifestação das mais antigas tribos indígenas situada na região nordeste, assim como relata Salles (2004) enfatizando em seus estudos que o culto ao catimbó ainda conseguiu solidificar suas bases e resistir às turbulências do tempo até o ano de 1970. Assunção (2006) apresenta essa mesma concepção, nos fortalecendo ainda mais sobre a cultura e a centralização da tradição indígena, dizendo que na cidade de Alhandra se praticava o rito do catimbó, mas era de maneira raiz, revelando que se caracteriza, por ações, fé e experiências intimamente ligadas às tradições da jurema sagrada. A esse respeito, Nascimento (1994, p. 132): “Vamos mencionar um aspecto [...] que aponta para a existência, nesse catimbó mais próximo de tradições indígenas, na área rural paraibana (Alhandra)”.

Esse modo alegórico referente à tradição de grande luta é um modo sistemático, em que os dois mundos voltam a se encontrar, o mundo material e o mundo espiritual. Assim,

[...] a planta “jurema” é possuidora de seres dotados de um “espírito” próprio, com a capacidade de comunicação e intervenção sobre os “problemas” que afligem os indivíduos. Além dessa concepção, é visível na diversidade da “jurema” encontrada em Alhandra a combinação de um conjunto de símbolos trazidos do catolicismo popular e da cultura africana, traduzidos nos elementos simbólicos das imagens de santos católicos, orações, búzios, melodias, maracás, flores, bebidas e na presença dos “espíritos” de índios, caboclos e mestres. (ASSUNÇÃO, 2006. p. 94)

Um dos grandes estudiosos sobre o catimbó nos dá aporte teórico para que possamos expor mais sobre essa menção ao simbolismo para quem é juremeiro do qual, René Vandezante (1975), relata que o termo catimbozeiro tido por muitos como um termo muito negativo, está propriamente vinculado aos que manifestam o culto da jurema sagrada, afirmando a nomenclatura sobre a jurema e seus fundamentos como a extração de folhas, raízes, sementes, entre outros, para realizar o culto ao catimbó

É em meados do século XX que contam os registros que há uma fusão entre o culto do catimbó e o culto da umbanda, e a partir disto os desdobramentos dos ritos afirmam suas mudanças por assim dizer. E isso acontece por meio da mudança de tempo e, como dito antes, a jurema muda conforme o tempo, e surge assim a junção da umbanda com a jurema e dos ritos e simbologias, bem como entidades que são de razão da umbanda ser cultuadas na jurema. A partir de observações e coleta de dados, mostra-se que foi inserida nos anos de 1960. Até então, na Paraíba, o culto era o catimbó, tratado como algo criminoso e marginalizado pela sociedade da época, dando ênfase aos simpatizantes que eram detidos e até presos por cultuarem a jurema sagrada.

Naquela época, era evidenciada como um marco demoníaco e ilegal, visto que muitas vezes os praticantes estavam fazendo seus cultos em prol de uma graça pessoal, em virtude de sua saúde ou abertura de caminhos, que assim as pessoas que consultavam aquelas entidades ou líder religioso solicitavam. Grunewald (2008, p. 6) relata esse grande poder das entidades da jurema encaminhar para o um bom caminho seus consulentes. Assim,

A jurema é uma planta de poder por proporcionar acesso ao mundo espiritual, através do qual cura (de diversas ordens) são realizadas em níveis individuais e coletivos, bem como instruções de luz são também alcançadas para as pessoas e coletividades. Se seus usos em todas as tradições éticas ou popularmente remetem-se a essa característica que a torna, por isso mesmo, sagrada, essa mesma característica persiste vigorosamente nos trabalhos espirituais contemporâneos com a jurema pós-moderna.

Para Cascudo (1986), o catimbó é ação de grande influência com a cultura africana da qual é essencial para toda a tradição e transformação temporal da jurema. O catimbó é a grande porta que se abre para que os demais cultos negros possam serem acionados, trazendo consigo a musicalidade, o batuque, a dança, a possessão de entidades negras, e forças da natureza ditos como orixás, do qual é um ato de resgate de uma cultura de negros e bem como podemos chamar de herança. Assim, segue claramente uma de muitas noções que Cascudo relata sobre o catimbó:

Da bruxaria ibérica, a influência na concepção da magia, processos de encantamento, termos e orações transmitidas oralmente. Dos ameríndios, a farmacopeia, o maracá, o mestre invisível que teriam sido pajés de grandes malocas desaparecidas; da terapêutica vegetal, o uso do cachimbo, da “marca” com o tabaco, fumo, petum provocador de transe. O negro trouxe a inovação com os ritos e ritmos musicais; do cerimonial das macumbas bantu matem as “linhas” significando a procedência dos encantados, noções, inovações dos antigos negros valorosos.

A esse respeito, Souza (2016, p. 31) também nos dá suporte para essa questão:

O autor afirma que a musicalidade que atravessa todo o cerimonial catimbó embala os médiuns e os conduz ao transe. Acostados em seus “cavalos”, os espíritos movimentam-se ao som dos cânticos entoados pelas vozes quase sempre estridentes e desentoada do coro de crentes que recita as ladainhas. Todos esses sons se misturam aos toques característicos das entidades que num cantinho do salão, conversam com seus consulentes, enquanto outros guias, aparentemente ébrios dançam, fumam e bebem de maneiras descontraídas pelo terreiro animado pelos maracás e pelas palmas daqueles que assistem às sessões.

Outra visão que podemos solicitar para esta abordagem é a de Prandi (2011, p.1) que revela em sua abordagem: “Curadores, benzedeiros, padres milagreiros, pastores, pais de santo, e muitos que buscam remédio e soluções para os males do corpo e da alma”. Notoriamente nós não podemos nos restringir apenas neste ponto em que a jurema só será uma Árvore sagrada, que todos que são de seu culto tendem a fazer suas orações em seu envolto. A jurema sagrada vai mais além dessa simples definição, cedendo seu envolto para que seus feitos sejam manifestados socialmente por todos.

2.3 Vida e natureza dos senhores Mestres

Neste tópico tentaremos abordar de modo muito prático essa vertente que causa inúmeras indagações, perante a qual ainda não possui uma experiência prática do que realmente são essas energias que entoam o reduto da jurema sagrada, ou ainda não tiveram uma experiência de poder ir a algum terreiro de catimbó, fato que essa questão tão falada sobre as entidades ainda causa muita incógnita diante da validade de sua existência.

Essas energias cultuadas nas sessões de jurema são propriamente energias que um dia esteve neste plano, mas que ao morrerem foram resgatados por este mundo sobrenatural, passando a existir em reinos e cidades encantadas da jurema sagrada. É bom evidenciar que necessariamente as cidades encantadas não precisam ser apenas frutos das sementes da jurema, existem cidades encantadas como manacá, vajucá, aroeira, angico, junca, catucá. Assim, é necessário aqui colocar em destaque, mais uma vez, que todas as cidades são permeadas pela base nordestina, e tais energias, como falado acima, já pertenceram a este mundo material. Neste sentido, sua volta a este plano só pode vir á realidade por meio de discípulos, que são as vias mais diretas para que haja incorporação.

Esse ato se apoia muito nas questões kardecistas, trazendo de modo direto a noção de reencarnação. Muito se fala no culto da jurema sobre hierarquia, respeito, sempre por quem vem antes de você. Dentro desta perspectiva, as questões de respeito com o ato hierárquico das entidades não são diferentes, e neste nível a jurema sagrada é como se estivesse a um degrau abaixo da jurema, mas sem a preparação primeiramente da jurema jamais é possível fazer acontecer o orixá.

É na jurema que o portal se abre, e no catimbó podemos diante de todo esse desdobrar, notar que as entidades possuem um dom de cura, de reza, de aconselhamentos para com seus consulentes, em que muitas destas entidades foram familiares enquanto vivos e continuam com esse mesmo vínculo no mundo sobrenatural, bem como a mais vasta diferença entre os ritos são a utilização do Cachimbo e o fumo, que é algo próprio de ferramenta do culto á jurema.

As entidades que são próprias do catimbó são os dos senhores mestres, que se ocupa do cargo maior dentro das liturgias da jurema. Para Fernandes (1938, p. 92), “[...] os mestres seriam espírito de grandes catimbozeiros mortos que presidem os ofícios conjuratórios, reinando sobre os elementos naturais e de poder de obediência entre os demônios, aos quais deveriam manejar para fins hostis individuais”. Desta forma, podemos nos referir aos mestres como seres dotados de sabedoria e forças maiores, e tais energias se manifestam em linhas de vaqueiros, cangaceiros, baianos, ciganos, malandros e, aqui o leque se abre cada vez mais para a grande possibilidade de encontros.

Alguns mestres podem ser encontrados em sessões de catimbó, como por exemplo, o saudoso Zé de Aguiar, nascido em 1880 e morto em 1834 que é um mestre

que tem uma forma própria de se trabalhar, Zé dos Anjos, grande médico que até os dias atuais faz suas consultas e cirurgias, mestre muito calado que pouco se sabe ainda de sua partida, Zé da pinga, nascido em 1771 e sua morte em 1821 vítima de cirrose, Zé baiano não sabemos seu ano de nascimento, mas, o mesmo conta que foi morto por uma grande emboscada que armaram para ele e seu bando de cangaceiro, Zé pereira, Zé boiadeiro, Zé do laço, Benedito fumaça, Zé da barruada, Tertuliano, Treme Terra, Zé malandro das sete encruzilhadas, Antônio da Jurema, Zé preto, Zé da virada, Zé molequinho, Zé moleque, Zé das porteiras, Zé de Santana, Malandro Miguel este nascido em 1888 morto em 1932 morto também por emboscadas, agora produzida por um de seus maiores amores, mestre que relata que sabia ler e escrever, bem como fazer conta, repentista e que relata sua vida em prosa. Estes são só alguns nomes, havendo milhares que poderíamos citar aqui, sendo muitos destes, mestres, enquanto matérias vivas. Foram brancos e tiveram oportunidades de estudos, bem como outros que foram escravos e tiveram suas vidas arrancadas de seus familiares, bem como seus filhos que foram apartados de seus braços, e morreram apenas por serem negros, assim como guardam em seu envolto o modo em que faleceram e bem como ainda não relatam anos de nascimento bem como de morte.

Outra corrente fundamental na jurema é a de caboclo, que é um dos pilares para que a jurema sagrada pudesse existir neste sentido, porque são espíritos de índios que partiram, mas que toda sua vida residia em matas, ao contrário dos mestres que conversam, riem e são mais sociáveis. Os caboclos descem a este plano de um modo mais sério, consumindo mel e vinho, sem terem consulentes, de uma maneira própria, entoando seus gritos de guerra e marcando em suas mãos a forma de uma flecha. Sua linguagem é de uma complexidade extrema de ser compreendida, e quando descem em terra e sentem a energia, acaso precise, fazem a limpeza dos filhos e visitantes com ervas e plantas próprias do rito da jurema sagrada.

2.4 De sagrada á Demoníaca

A partir de todo proceder do texto é possível evidenciar quão sagrada e preciosa a jurema é para o juremeiro, uma figura de grande maestria e divinamente pura, porque foi ela que deu abrigo ao nosso senhor. Assim cantam as músicas da jurema “[...] A jurema é minha madrinha e Jesus é o meu protetor, a jurema é um pau sagrado que deu sombra ao nosso senhor [...]” (Música cantada por mestres antigos). Essa cantiga é uma evidência de sua grande pureza e de como se dá sua soberania, de como ela se tornou mágica. Mas ainda é vista como um mal sobre a terra, como um símbolo diabólico/maligno para a maioria dos cristãos, evangélicos e católicos, e esse caos com a jurema, como símbolo do mal, ganha muito mais armadura na década de 1990.

Naquele contexto, uma enorme rejeição é imposta sobre os simpatizantes e “filhos de jurema”. Alhandra, por sua vez, tida como a cidade da jurema, por toda sua influência para tal, passa a ser a cidade tida como “diabólica”, ou seja, a jurema passa literalmente de ir do céu para o inferno nessa época. Muito dessa cultura negacionista e intolerante ainda sobrevive, com o crescimento das igrejas e o avanço ainda mais da colonização mental. Esse é um dos principais motivos que os juremeiros relatam que a jurema não está resistindo ao tempo e a cada década muito mais se perde.

Sendo interpretada como diabólica, principalmente pelo próprio público, principalmente na cidade de Alhandra, e desde a década de 1980, o neopentecostalismo, ganha muito mais espaço na derrocada para com a jurema

sagrada. A extensão de uma enorme pressão é sentida de longe e sobre isso, o seu avanço até converte alguns juremeiros á doutrinação evangélica, visto que cada vez mais pessoas que se convertem a uma única cultura, muitas outras acabam falecendo e assim seria o caminho da jurema sem seus discípulos.

Tais afirmações podem saber diante de conversas com antigos juremeiros, ou pessoas da localidade que apoiam a jurema.

Diante da escrita de Nogueira (2004, p.77), tradicionalmente falando, as ações tidas como atos de grande magia, são mencionadas aqui para o público ortodoxo como práticas hereges. Do qual o autor expõe que em pleno século XX, essas ações ainda são tidas como malignas e de doutrinas demoníacas pelo povo das correntes cristãs, ou seja, fugir dos métodos e dos controles da ortodoxia é uma arguição da chegada ou do próprio anticristo, e a promessa de uma vida tida no inferno já era decretada por esta mesma ortodoxia.

Neste avanço sobre uma visão do negativo, a voz que aqui ganhava cada vez mais espaço e força, era a doutrinação cristã da época, os evangélicos que são a linha de frente para que a jurema sagrada e sua tradição fossem extintas em Alhandra. Por meio disto, eles têm o apoio da ortodoxia e de outros públicos que citam que seu credo é correto e tido como “santo”, recebendo do Estado, também em épocas passadas, o apoio para tombar a jurema sagrada, pois, segundo eles, tratava-se de banalidade e sua encantaria seguia fora dos padrões de controle.

Em meio a esses passos vistos acima, percebe-se que a jurema sagrada passa por diversas mudanças, não só nas suas tradições. É notória também toda resistência para que rito da tradição indígena pudesse ser aceito pelo meio social. É importante perceber que em tempos mais antigos, toda essa ritualística era de forma oculta, pois o preconceito sempre foi um de seus maiores fatores, açoitando não só uma geração, mas toda uma corrente ancestral que obviamente dependia de seus discípulos para vir á terra cumprir a missão que foi destinada pelas forças maiores.

Podemos observar que durante toda história que se tem, houve uma perseguição no modo de agir de cada adepto ao culto. Antigamente, para se falar em culto á jurema praticamente tinha que se ocultar para que os poderosos não descobrissem quem eram os participantes, pois se soubessem, o castigo e a represália eram muito grandes. Assim, o culto á jurema era tido de forma maquiada para que, se a polícia chegasse na hora do culto, nem percebesse que era um culto de catimbó, entoados por cantigas e imagens católicas sobre mesas e copos com água, os discípulos mais velhos tomavam seus cantos sobre essa mesa de modo que não percebessem que ali existia certa hierarquia, cultuavam e louvavam seus ancestrais.

Durante anos, pouco se falava sobre a jurema sagrada, e mesmo quando a citavam, por algum modo a repercussão não era nada positiva, por meio do preconceito e superioridade perante o evangelismo da época. Juremeiro na época era precisamente ser uma pessoa resistente, porque a época não colaborava para que a jurema sagrada pudesse ser vista positivamente. Com o passar do tempo, cada vez mais o culto e a represália sobre a manifestações das ritualísticas iam se fundindo e suas relações foram ficando mais estreitas, de modo que para cultuar a jurema foi necessário mudar o plano, deixando de cultuar nas matas para cultuar de modos restritos e dentro de suas residências, para que não pudessem sofrer nas mãos dos poderosos da época.

Diante dessa perseguição realizada contra essa ação espiritual, o fortalecimento para que a imagem do negativo venha tomar força e voz é cada vez mais presente. Atualmente essa evidência é vista com um pouco menos de força

diante das leis que legitimam uma liberdade religiosa, bem como asseguram a diversidade de cultos com diferentes formas de encontrar o sagrado, embora existam muitos desafios a superar nesse caminho, sem demonstrar a superioridade de um culto sobre outro, como marca negativa enraizada desde a colonização, encarcerando toda uma cultura visando não só à riqueza material, mas escravidão e servidão de um povo voltado para o campo cognitivo. É visando isso que podemos encontrar o cerne da questão de uma percepção demoníaca para muitos, passadas de geração para geração como se fosse uma espécie de maldição.

O que se apoia é que diante da colonização o que possuímos é apenas um único Deus, cristão, branco e que condena qualquer outro meio de manifestação do sagrado, se não for mapeado por noções de uma única conduta sobre caminhos de uma doutrinação branca por todos, como se fosse uma avalanche, que se deve seguir uma única rota.

2.5 A imersão da filosofia em conjuntura com a jurema sagrada

É evidente que muito pouco se fala da existência de outras filosofias, em todo percurso da graduação. É aparente que só exista apenas uma, a europeia, uma filosofia que não dê espaço de fala a problemas e questões originárias e pertinentes a serem discutidos dentro e fora do campo acadêmico. Nada possui validade senão apenas uma única filosofia, branca, masculina, patriarcal, homofóbica. O contexto sobre o significado de filosofia se dá justamente pelo apreço ao conhecimento, e nessa completude não evidencia restrições, pois podemos compreender que o ser humano é o mais profundo e potente motor para que esses saberes venham acontecer no âmbito social, junto com suas experiências, que são fatos mais que essenciais para todo o seu desenvolvimento. Assim, para que a filosofia ganhe vida, lugar e fala, precisa residir incansavelmente onde quer que seja, mas que deem voz para o conhecimento ecoar. É neste sentido que a filosofia dá voz aos povos originários, para a jurema sagrada, para uma filosofia budista, egípcia, qualquer que seja ela. Exatamente porque é a filosofia que nos mostra que ela é múltipla, e não algo acabado com mecanismos de controle para que haja um único método a ser realizada esta ação, como demonstrada na fala de Obenga (2006, p. 49) a filosofia está para o mundo e está também para os povos originários, está para um povo que foi velado sem um grito de socorro, e sobre uma tradição ancestral que ecoam suas vozes em busca de pedido de resistência, neste passo que, mesmo a jurema sagrada passando por diversos contextos e tempos difíceis tomam um a caminho de esperança para que outras oportunidades venham a existir e tomarem de conta do contexto crítica social político e principalmente filosófico.

Nesse sentido, temos que observar o cerne desta questão que é o ato mais importante deste trabalho, durante seu desenvolvimento foi juntar a filosofia para com este assunto, do qual não é tarefa fácil, porém, percebemos que durante o percurso da filosofia, para muitos integrantes acadêmicos, jamais existiu outra além da grega. Colocar a filosofia dentro de uma espécie de redoma nunca será fazer filosofia, e a evidência disto é que ela não se coloca diante de uma autoridade única RAMOSE (2011, p.4) de um pensamento. Colocar a filosofia a um único plano de pensamento é uma ação impossível sua lógica é que ela possa responder a quaisquer questões sobre a problemática humana, evidenciar que só exista um meio para milhares de caminhos e uma forma de pensamento é quase que enxugar gelo.

3 METODOLOGIA

Neste estudo a metodologia é de cunho bibliográfico, com apoio de artigos e livros dos pesquisadores da área. Este procedimento foi fundamental para que pudéssemos ter sustentabilidade em nossa produção, bem como trazer aos nossos leitores, segurança para cada argumento aqui levantado.

Podemos expor que para tanto tivemos que dedicar um tempo considerável para a coleta de trabalhos realizados, nos servindo como apoio para que esta discussão venha a existir neste espaço, trazendo esse problema de uma religião, por assim dizer ancestral, para a filosofia.

Tivemos o prazer de ir mais além e sentir essa energia de perto nos terreiros, bem como indo a Alhandra-PB, cidade berço da jurema, em busca de conhecimento, utilizando de materiais didáticos como cadernos, canetas, e meios tecnológicos para registros fotográficos, tendo como natureza maior, trazer o campo afro-ameríndio para os espaços acadêmicos.

É notória a derrocada da jurema sagrada perante todo esse trajeto, visto que pouquíssimo apoio se tem e chance de expansão menor ainda, é possível diante de todo texto evidenciar mais barreiras do que vitórias diante de todo esse povo. Podemos expor aqui também, a grande discriminação perante todos estes tempos, considerando que esta é uma pesquisa inicial, um pequeno passo para que a religião afro-ameríndia venha a ecoar sua voz nos próximos anos.

4 CONCLUSÃO

As intenções deste trabalho tiveram como norte colaborar com o avanço epistemológico e romper com alguns paradigmas religiosos, bem como poder contribuir para o avanço cultural e indígena, propondo assim curiosidade não só para conhecer sobre a jurema sagrada, mas de como a cultura negra tem influenciado desde os primórdios para as transformações culturais e religiosas evidenciar que devemos muito aos nossos povos indígenas e pretos, e que sem eles não teríamos conhecido as encantarias e a magia que é resistente até os dias atuais.

Concluimos neste pequeno, mas carinhoso trabalho, a resistência e atuação de juremeiros e simpatizantes para com a tradição que a jurema sagrada sempre estará presente. A jurema vive onde o juremeiro está apesar de tantas derrocadas dela até os dias atuais.

Embora este trabalho de caráter simples, me mostrou um caminho árduo, mas ao mesmo tempo se manifestou como ponte para o pensamento crítico e reflexivo sobre a tradição indígena, precisamente voltada ao nordeste e sobre como, desde sempre, os povos originários foram e ainda são tidos como descredibilizados em suas questões literárias, já que a jurema sagrada não está em livros, descrevendo suas ações e fundamentos. Esse fato dificultou um pouco o desenvolvimento dessa pesquisa.

Por fim, mostro meu extremo apreço pela jurema sagrada e relato que ela é ação de resistência, e que esse trabalho sirva de aporte para outros, bem como seus desdobramentos para outros estudos dessa autora.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. **Reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

CASCUDO, Luís da câmara. **Locuções tradicionais no Brasil: coisas que o povo diz**. 3. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: ed. da USP, 1986.

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822 – 1850**. 2ª. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

FERNANDES, Gonçalves. **O folclore mágico do Nordeste**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

GRUNEWALD, Rodrigo. **Jurema e novas religiosidades metropolitanas**, In: **Índios do nordeste: etnia, política e história**. Almeida, Luiz Sávio, Armando H.L da (orgs), 2008.

L'ODÓ, Alexandre Alberto Santos de Oliveira L'Omi. **“Malunguinho: um pressuposto juremológico de história oral”**. III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia: Devoções religiosas e pluralismo cultural. Recife: 08 a 10 de setembro de 2016.

NASCIMENTO, Marco Tromboni de S. **O tronco da jurema: ritual e etnicidade entre os povos indígenas do Nordeste– o caso Kiriri**. Salvador, UFBA, Dissertação de Mestrado em sociologia, 1994.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

OBENGA, T., **Egypt: ancient history of African philosophy**, in **A companion to African philosophy**, (ed.) WIREDU, K., (Oxford: BlackwellPublishingLtd, 2006) pp 49, 37-39.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados: Orixás na alma brasileira**. São Paulo: companhia das letras, 2011, p.7-140.

RAMOSE, M.B. **Ensaio filosófico, volume IV**, outubro/ 2011.

SOUZA, Andre Luiz nascimento de. **A mística do catimbó-jurema representada na palavra, no tempo e no espaço**. (DISSERTACAO DE MESTRADO), UFRN, Natal, 2016.

SALLES, Sandro Guimarães de. **A sombra da jurema: a tradição dos mestres juremeiros na umbanda de Alhandra**. Revista antropológicas, ano 8, volume 15, 2010 (p. 99-122).

SALLES, Sandro Guimarães de. **A sombra da jurema: tradição dos mestres juremeiros na umbanda de Alhandra**. Recife: Ed. universitária de PE, 2010.

AGRADECIMENTOS

Quero deixar aqui meus agradecimentos a todos de minha família carnal, em especial meus avós que incessantemente lutam para que eu possa ser cada dia melhor, agradecer a minha família espiritual que sem eles nada disto poderia estar acontecendo, agradecer a cada professor e professora da rede UEPB em especial do departamento de Filosofia, dizer que é e sempre será um prazer reconhecer e rever cada um de vocês. Obrigada por cada detalhe e cada ponto de aprendizagem em que estiveram dispostos para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço a todos por cada crítica e barreiras que me puseram com o intuito de superação. Agradeço a minha Avó, saudosa Dona Zefinha (em memória). Este trabalho gira especialmente em torno dela, em meio a tantos anos de curso a desmotivação em torno girava em meu envolvimento e lembrar-se do que prometi a minha vó antes de sua partida foi o que me levou a tentar concluí-lo, agradeço a ti minha amada vó por acreditar em mim, quando eu não acreditava que chegaria até aqui, agradecer ao professor Valmir Pereira por ter me acolhido para que eu pudesse realizar este passo, dizer a ti que nunca esquecerei as mãos estendidas, agradecer aos amigos que fiz e que acabaram não concluindo, esse trabalho também é conquista de vocês, aos amigos que fiz vocês foram extraordinários, peço que não desistam do que acreditam e que sigam firmes nesta luta, se fosse para agradecer não caberia folhas para tantos nomes importantes, a Shirley Lins deixo aqui meu sentimento de gratidão por tanta força e motivação dedicada a mim, por fim quero agradecer a minha mãe e dizer que lhe amo e que sua luta um dia irá ser recompensada obrigada por tudo, por me incentivar a estudar e me colocar diante de um universo que jamais poderão me tirar o conhecimento, amo todos vocês, que Deus e a jurema sagrada e os senhores mestres possam abençoar e abrir o caminho de todos vocês, sigam a luz.

Para jurema sagrada fica aqui meu carinho e afeto por ti, não poderia sair dessa conquista sem te agradecer. Obrigada minha mãe por tudo, ao mestre José filintra de Aguiar, e Babalorixá e Juremeiro Rafael de yemonjá, a quem devo toda minha gratidão. Obrigada por cada experiência, saúdo todos os mestres e mestras desta mesma casa porque sei que para chegar até aqui bebi de suas fontes, a vocês, toda a gratidão.